

**O FIM DO PRIMEIRO GOVERNO ESTADUAL DE ANTONIO CARLOS  
MAGALHÃES E O DIA SEGUINTE.**

Aline Farias de Souza

Mestranda do Programa em História Regional e Local da Universidade do Estado da

Bahia - UNEB

alinefariassouza@gmail.com

Em 16 de março de 1975, o dia seguinte ao término da gestão estadual de Antônio Carlos Magalhães – ACM – o jornal baiano, Diário de Notícias, considerado porta-voz oficioso do governo, publicou em edição especial, uma fotorreportagem sobre o “carnaval da despedida” ao governador. A análise das imagens que compunham a citada edição teve como objetivo observar quais os elementos definidores do *carlismo* que já estavam presentes no primeiro governo estadual de ACM. Por sua vez, os achados que resultaram no texto ora sintetizado faz parte da pesquisa ainda em desenvolvimento intitulada *Uma história da Bahia: a construção do carlismo no primeiro governo estadual de ACM (1971-1975)*, cujo objetivo geral é traçar, sob o ponto de vista da história regional, a construção do *carlismo*, suas características e estratégias políticas, econômicas e sociais.

Palavras-chave: Antônio Carlos Magalhães. Diário de Notícias. *Carlismo*.

O presente artigo é parte da pesquisa, ainda em desenvolvimento, *Uma história da Bahia: a construção do carlismo no primeiro governo estadual de ACM (1971-1975)*, cujo objetivo geral é traçar, sob a perspectiva do estudo regional, a construção do *carlismo* no primeiro governo estadual Antonio Carlos Magalhães – ACM, identificando as características e estratégias políticas, econômicas e sociais da política *carlista* que já estavam presentes no momento em questão.

Por sua vez, o objetivo deste texto é analisar um conjunto de imagens produzidas pelo jornal Diário de Notícias, publicadas em um caderno especial no dia 16 de março de 1975, dia seguinte ao fim do governo ACM, para observar quais elementos do *carlismo* estavam presentes nessa série de imagens.

**CARLISMO: HISTÓRIA E IMAGEM.**

Segundo o cientista político e professor da Universidade Federal da Bahia Paulo Fábio Dantas Neto, o *carlismo* pode ser visto sob três ângulos: como poder pessoal de ACM, como o grupo político que ele comandou durante décadas e como um modo de atuação política enraizado particularmente na Bahia, nesse sentido, seria a versão baiana da modernização conservadora brasileira. (2007, p. 02). Sob o primeiro ângulo, Dantas Neto afirma que já não existe mais desde o início dos anos 2000 quando outros políticos *carlistas* passaram a disputar com o líder os caminhos do grupo; sob a segunda ótica, este autor observou, em 2007, que o grupo ainda se fazia presente no cenário baiano e nacional, mas já dava sinais de decadência. Já sob o terceiro ângulo de visão, o *carlismo* pode transcender não só a figura de ACM, visto que se trata de um modo de atuar politicamente, por isso, é possível observar essa prática em outros sujeitos. (2007, p. 02-05).

Enquanto *modus operandi* em política, o *carlismo* nasceu de aspirações modernizantes de uma elite, nos padrões da modernização conservadora brasileira e na perspectiva de um autoritarismo instrumental. (DANTAS NETO, 2003, p. 213). Nesse sentido, atua economicamente em uma direção modernizadora, mas permanece política e socialmente conservador. Do ponto de vista do moderno, o *carlismo* caracterizou-se pela defesa do desenvolvimento do capitalismo nacional, sobretudo, através da industrialização, ofertando incentivos fiscais para atrair empresas, valorizando a gestão tecnocrática e relacionando-se pragmaticamente com o campo político de cunho liberal. Já na perspectiva conservadora, o *carlismo* é marcado pelo autoritarismo, através do qual uma visão personalista e vertical de comando prevalece sobre os conflitos típicos do pluralismo político e pelo mandonismo, ao operar com uma prática política “afeita à mistura entre afetos públicos e privados” na qual fortalece pequenos e grandes poderes pessoais, ampliando as possibilidades de suas ações na domínio público. (SCHWARCZ, 2019, p.68)

Para consolidar e expandir a política *carlista* ao longo dos mais de trinta anos em que ACM e seu grupo estiveram no Poder Executivo, da Bahia, foi necessário muito mais do que a realização de grandes obras públicas. Desse modo, diversas outras estratégias, sobretudo na década de 1990 – auge de sua atuação, deram consistência ao *carlismo* como: a preferência e valorização da administração sobre a política, a

cooptação de indivíduos de outros grupos políticos, por meio do apadrinhamento e do clientelismo; a intimidação de adversários com ameaças; o “controle” do Poder Judiciário e do Poder Legislativo; o pragmatismo político ao optar de forma conveniente pela formação de alianças para manter a hegemonia; o alinhamento com o governo federal sem perder de vista o regionalismo político, por meio de um discurso de defesa dos “interesses da Bahia”; o investimento na indústria do turismo com propagandas, eventos e construção de infraestrutura urbana; a assimilação da “baianidade”<sup>1</sup> à medida em que o Estado e seus órgãos se apropriaram de um discurso no qual ressaltava os elementos populares da Bahia; a intervenção político-midiática, através do poder de acesso e de trânsito em diferentes mídias local e nacional que deu poder a ACM de agendar temas, difundir ideias, produzir e desconstruir imagens públicas, além de silenciar adversários e assuntos que não eram do seu interesse.<sup>2</sup>

Assim, diante dessas características e estratégias, é possível afirmar que o *carlismo* não morreu com ACM, como Dantas Neto afirmou, nem ficou circunscrito ao seu grupo, podendo-se, ainda hoje, observar determinadas práticas *carlistas* até mesmo em antigos adversários. Esse modo de operar politicamente, além de manter viva a figura de Antônio Carlos, demonstra que para entender o *carlismo*, é preciso analisar e compreender: o sujeito Antônio Carlos Magalhães e a sua imagem pública construída pela mídia; o grupo político que se projetou em seu entorno e a atuação política tanto de ACM quanto do seu grupo, portanto, proponho que para entender o *carlismo*, esses três ângulos, elencados separadamente por Dantas Neto, devem-se entrelaçar.

Nessa perspectiva, para investigar a imagem pública de ACM, escolhi a imprensa baiana. Nesse artigo propriamente, para chegar a esse objetivo examinei um conjunto de fotografias publicado no jornal Diário de Notícias, considerando que as imagens são fontes importantes para a reconstituição histórica, pois guardam em si um conhecimento de aparência dos cenários, personagens e fatos, apresentando indícios do

---

<sup>1</sup>A noção de baianidade construída por Anselmo Ferreira Machado Carvalho, em sua dissertação de mestrado: “resume em concebê-la como um conjunto de elementos que serviram para definir a Bahia, dentre os quais, os referenciais do seu patrimônio histórico e arquitetônico, uma versão hegemônica de sua história, dos seus elementos mais tradicionais e dos aspectos mais ‘populares’: um olhar construído sobre sua ‘gente’, ou mesmo certo ‘modo’ de vida dos baianos, o quesito música, a culinária, as festas populares, a figura da baiana de acarajé, os artistas baianos, escritores, na construção deste ideal de baianidade”.

<sup>2</sup>Essa construção é fruto das diversas leituras a respeito de Antônio Carlos Magalhães e do *carlismo* nos diferentes campos do saber.

lugar e da época em que foram produzidos. (KOSSOY, 2014, p. 31-34) e ainda identifiquei as características e estratégias do *carlismo* que já se faziam presentes no seu primeiro governo.

Como qualquer outra fonte, a análise de fotografia necessita de um rigor metodológico para a sua desmontagem. Dessa forma, é necessário fazer a reconstituição do processo que culminou no documento fotográfico para assim compreender a cena registrada, o instante em que ocorreu o fato e a gênese do próprio documento, pois, não se pode perder de vista que em uma imagem fotográfica encontram-se indícios materializados por meio de um sistema de representação visual. (KOSSOY, 2014, p. 41)

A análise de fotografias também passa pela decifração dos signos que compõem a imagem, tendo em vista que a fotografia faz um recorte espacial e uma interrupção temporal em relação ao objeto registrado. Dessa forma, devem-se observar os recursos técnicos (equipamentos, materiais e processos específicos) empreendidos e os recursos plásticos (aqueles que provocam nos receptores certos impactos ou impressões) apresentados. É preciso atentar também para o fato de que o significado de uma imagem reside em sua própria história, ou seja, nas finalidades que motivaram a sua existência, suas condições de produção, nos fatos que marcaram sua trajetória ao longo do tempo e a história do fotógrafo. (KOSSOY, 2014, p. 49-52).

Vale salientar ainda que, na análise fotográfica, a imagem não pode ser tomada como uma verdade histórica e a evidência apresentada não deve ser considerada definitiva haja vista que uma imagem é produto de uma elaboração técnica, cultural e estética de quem a produziu, portanto, deve sempre ser questionada. (KOSSOY, 2014, p. 56).

No que diz respeito às imagens transmitidas pela mídia, de modo geral, ao tempo em que constituem um dos alicerces de memória, podem servir como instrumento de manipulação política e ideológica e, assim como as palavras, podem ser controladas e censuradas e, desse modo, servirem como “provas” e instrumento de poder para quem detiver o controle da informação, afinal, “[...] as imagens são concebidas e materializadas conforme as intenções de seus autores, segundo um filtro cultural e uma determinada visão de mundo.” (KOSSOY, 2014, p. 106) É assim que vão sendo construídas as “realidades” e moldada a memória.

### A DESMONTAGEM DA FONTE

Para a escrita da história, as fontes, sejam elas escritas, orais ou visuais devem passar pelo devido exame crítico uma vez que, os documentos nos orientam à medida em que seus elementos constituintes são desmontados, analisados e interpretados à luz do momento histórico de quem investiga e avaliados segundo as condições em que foram produzidos. (KOSSOY, 2014, p. 108-109).

Todavia, em se tratando de fotografia de imprensa, faz-se necessário uma abordagem específica para sua análise, uma vez que foi nas páginas dos jornais onde a fotografia teve maior influência. Acrescente a este dado, o fato de que toda a fotografia (do “clic” à edição) é construída a partir da ideologia de quem fotografa, visando à manipulação das informações para criar “verdades”, baseando-se na suposta característica de objetividade da fotografia o que leva a ideia de que esta é um testemunho neutro e isento do real.

Além de pensar em uma metodologia apropriada, é necessário também apresentar o que a literatura corrente entende por fotografia de imprensa. Começo, então, por diferenciá-la das fotografias publicitárias e das demais que só pagam por um espaço nas páginas de um jornal e não fazem parte do seu conteúdo editorial. Nesse sentido, as fotografias de imprensa são aquelas que os periódicos produzem ou compram e publicam como conteúdo próprio; são formadas, basicamente, por dois grupos de imagens: a fotoilustração e o fotojornalismo. Este último desenvolveu formas próprias para denominar os tipos de imagens que circulam na imprensa, sendo os mais tradicionais a fotografia de atualidade e a fotorreportagem, aquele em que a fotografia recebe “um tratamento mais interpretativo, sequencial e narrativo”. (MONTEIRO, 2016, p. 69)

Dessa forma, para o estudo das fotografias em jornais, é importante considerar algumas questões que lhes são próprias: 1) as imagens, em geral, são produzidas e distribuídas por alguns poucos impérios da comunicação; 2) as fotografias destinadas a ilustrarem notícias são selecionadas em bancos de imagens; 3) as imagens que não foram utilizadas na ilustração da notícia além de interferirem na própria matéria, interferem na construção da memória coletiva; 4) é necessário haver uma articulação

com as demais formas de expressão e, por fim; 5) é preciso investigar a ação dos órgãos produtores e controladores da informação. (KOSSOY, 2014, p. 108)

É muito comum a imprensa brasileira endossar ou ser obrigada a endossar os caminhos da política governamental tanto apoiando posturas etnocêntricas e partidárias, quanto construindo imagens de lideranças políticas através de suas matérias e editoriais, compactuando com silêncios acerca de determinados temas ou, ainda, referendando ou criticando perfis de políticos para assim interferir no imaginário coletivo.

### O DIÁRIO DE NOTÍCIAS E O DIA SEGUINTE

Na Bahia da Ditadura Militar, de modo geral, segundo Joviniano Neto, cientista político e professor da UFBA, os jornais eram controlados e guiados através de “bilhetinhos”. Nesse cenário, o jornal Diário de Notícias era um periódico ligado à União Democrática Nacional – UDN – e assumiu o papel de porta voz oficioso do golpe de 1964. (2014, p. 36-37). O jornalista João Carlos Teixeira Gomes diz também que o Diário de Notícias se tornou o porta voz oficioso de Antônio Carlos Magalhães na imprensa local. (2001, p. 109). Foram por essas características que o escolhi para analisar um conjunto de imagens, publicadas no dia 16 de março de 1975, o dia seguinte do fim do governo de ACM.

As fotografias foram estruturadas da seguinte maneira: a primeira imagem é uma foto do caderno especial completo, as demais foram divididas em seis blocos temáticos. As legendas e os textos que não estão visíveis foram transcritos na íntegra. De maneira geral, a pergunta que orientou a análise e interpretação das fotografias foi: qual discurso está por trás de cada foto?

Segundo Charles Monteiro, manchetes, títulos e subtítulos ocupam um lugar de destaque nas páginas dos periódicos e cumprem um papel semelhante às legendas ao proporem uma primeira leitura do tema. (2014, p, 77) e; tendo em vista que uma imagem não fala por si, para analisar essa fotorreportagem examinei a fotografia propriamente dita, os textos que a acompanham e o contexto sociopolítico em que estava inserida.

Nesse conjunto de fotografias em preto e branco, na época ainda não tinha fotografias coloridas em jornais, explicitamente o que está posto é que o objetivo dessa

**ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019**

fotorreportagem é registrar a despedida de ACM do governo do estado, no dia 15 de março de 1975. No entanto, em cada foto, além de uma mensagem subliminar que precisa ser exposta, existem alguns silenciamentos que devem ser apontados.

O DIÁRIO DE NOTÍCIAS: VISÃO GERAL



Milhares de pessoas se comprimiram desde as primeiras horas de ontem, na Praça Municipal, para assistir à saída do Gov. Antônio Carlos Magalhães do Palácio Rio Branco, já como cidadão comum, após o Governador eleito Roberto Santos ser empossado no cargo. Nas imediações – precisamente na Praça da Sé, Castro Alves e Rua da Ajuda – cordões, blocos, batucadas, afoxés e trios elétricos – os grupos se formavam aguardando a hora de começar a festa. O carnaval da despedida. A fim de que todo esquema de trânsito funcionasse, no que diz respeito ao acesso do povo à Praça Municipal, o Detran interditou a Praça Castro Alves e a Rua da Misericórdia. Precisamente às 17h20m, o senhor Antônio Carlos Magalhães deixou o Palácio Rio Branco sob os aplausos da multidão. Deve ter sido um dos instantes mais significativos da sua vida pública, pela demonstração de apreço encontrada espontaneamente no povo governado por ele durante quatro anos. E mal deixou as escadarias do Palácio, Antonio Carlos viu-se carregado nos braços deste mesmo povo que o aguardava para alcança-lo, tocá-lo com suas próprias mãos. Iniciou-se o cortejo em direção à Rua Carlos Gomes. Carregaram o ex-Governador da Praça Municipal à Praça Castro Alves, até as imediações da estátua do poeta. Daí ele foi andando, puxado pelo povo, sorrindo, acenando às sacadas. Atrás de si um verdadeiro carnaval. O som dos trios elétricos, das batucadas e dos blocos faziam a multidão vibrar. E se se perguntasse a um homem ou uma mulher, representantes mais puros do povo, porque estavam ali pulando, era bem capaz que não soubesse responder. Não haveria expressão no linguajar pobre, do humilde, que soubesse dizer o sentimento. Mas o governador que se despedira estava ali, junto com ele, nas ruas andando como um cidadão comum, ouvindo música e aplausos onde passava, e havia samba, alegria e extravasamento. Um governante por mais que se esforce não encontrará nunca no meio das opiniões todas as atitudes e reações em seu favor. Sempre haverá os que agradam e os que desagradam. Os que estão contentes e os desconsolados. Os que dizem bem e mal, e os indiferentes. Mas, de qualquer forma, para se fazer o julgamento do que se viu ontem nas ruas, é preciso parar e atentar. Era o povo que estava nas ruas, agradecendo, festejando. E

quando a manifestação é espontânea, como a que se presenciou, só um gesto pode ser revelado: o silêncio de respeito. Era o povo.

Tendo em vista, a necessidade de articular diferentes fontes para o exame da imagem, começo esta análise questionando o conteúdo do texto que apresenta a fotorreportagem ao se referir a manifestação retratada como espontânea. Como ser espontânea com oferta de trios elétricos, batucadas e afoxés (música para todos os gostos) gratuito, intervenção do DETRAN-BA no ordenamento do trânsito e já no fim da tarde de um dia de sábado no centro da cidade?

### QUEM É O “VERDADEIRO” LÍDER?



Ao observar essas duas fotografias, lado a lado, na horizontal e do mesmo tamanho, o que primeiro me chamou atenção foi a ausência de legenda. Note que de todo o caderno, essas são as únicas fotografias sem legenda. O sujeito da esquerda era o então governador da Bahia recém-empossado, Roberto Santos, e o da direita o ex-governador Antônio Carlos Magalhães.

Examinando essas imagens, o que pude depreender é que a ausência de legenda foi provavelmente um instrumento de manipulação que, somado a outros elementos (enquadramento, planos, angulação, foco, contrastes visuais) valorizou a imagem de ACM e “desvalorizou” a de Roberto Santos. Pois, considerando que Antônio Carlos estava na cena política desde 1954, quando foi eleito deputado estadual e, Roberto Santos estreava naquele momento<sup>3</sup>, por isso seria necessária uma apresentação, o que não precisaria com ACM. Dessa forma, é possível inferir que, certamente, a intenção do

---

<sup>3</sup> Segundo DICIONÁRIO HISTÓRICO BIOGRÁFICO BRASILEIRO-DHBB/FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGA. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/arquivo?busca=Roberto+Santos&TipoUD=0&MacroTipoUD=0&nItens=30>. [Acessado em: 15 mar. 2019].

Diário de Notícias foi manter Roberto Santos no anonimato para o povo e, ao mesmo tempo, comparar esses dois políticos de maneira que o público sentisse que perdeu com essa sucessão. Vale destacar que Roberto Santos não foi o candidato de ACM para sucedê-lo ao governo do estado da Bahia, fato que lhe impôs uma fragorosa derrota política, daí a necessidade de mostrar que aquela não foi a melhor escolha para a Bahia e para o povo baiano.

Se enquadrar é determinar o modo como a imagem será percebida, nessas duas fotografias, o enquadramento da foto de ACM produziu a imagem de um líder do povo, amado pelas massas; já o enquadramento da foto de Roberto Santos resultou na imagem de um político burocrata distante do povo, cercado por outros burocratas em ambiente palaciano.

Somado ao enquadramento, analisei também o ângulo que as imagens foram captadas em relação à superfície do solo. Roberto Santos está em posição perpendicular e na altura dos olhos, ou seja, está no mesmo nível de quem fotografou, o que atribui um significado de igualdade, nivelamento e “objetividade” para quem observa; já a imagem de ACM foi feita de baixo para cima, por esse ângulo, o motivo fotografado é valorizado, o que implica em uma hierarquização positiva do personagem e a construção de um sentido de superioridade do sujeito fotografado em relação ao observante. (MONTEIRO, 2014, p, 79).

“TUDO JUNTO E MSTURADO”: ACM, FÉ E POLÍTICA.



A legenda desta fotografia já afirma que o governo foi exitoso, sem dá margem a possíveis dúvidas e questionamentos. Possivelmente, a foto quis retratar o começo do dia seguinte, um momento mais próximo da família em um local que é reverenciado pelos baianos. A escolha da Igreja do Bonfim, bem como o destaque dado a sua fachada, remete à política cultural, desenvolvida durante o primeiro governo de Antônio Carlos Magalhães: de valorizar e “exportar” os símbolos que dão singularidade à Bahia e atrair turistas para o estado.

Observa-se também que ACM, de terno escuro, guia seus familiares em uma determinada direção, conferindo-lhe *status* de líder. A foto tirada de baixo para cima, estabelecendo o foco no sujeito em questão, valorizando a sua imagem.

#### TECNOCRACIA EM DESTAQUE



Ao analisar essas fotografias, duas questões me chamaram a atenção: a necessidade de ACM em homenagear o trabalho da sua equipe no dia de sua despedida, e do jornal trazer essas imagens para a narrativa que está sendo construída sobre a despedida de Antônio Carlos do governo do estado da Bahia. O que pude notar, é que o reconhecimento dos técnicos e o destaque que foi dado, inclusive, colocando os homenageados à direita do campo de visão, reafirmava a lógica da primazia da administração sobre a política, uma vez que na falta de legitimidade política de um governante (importante lembrar que ACM não foi eleito pelo povo e sim pela Assembleia Legislativa Estadual, tendo depois seu nome referendado pelo então

presidente General Emílio Garrastazu Médici); intensifica-se a busca por um perfil gerencial. (DANTAS NETO, 2006, p. 338).

### NOS BRAÇOS DO POVO



Essas duas fotografias parecem marcar o ápice da fotorreportagem visto que, além de ocupar, no conjunto da narrativa, posições de destaque, reiteraram a manchete “Antonio Carlos se despediu no meio do povo” e o texto que diz: “Pulando nas ruas, carregando-o como um verdadeiro carnaval, foi a melhor forma que o baiano encontrou para agradecer, ao Governador Antonio Carlos Magalhães, na sua despedida. Blocos, cordões, afoxés, trios elétricos, desde cedo preparam a festa, que

*explodiu quando o Governador, já como cidadão comum foi levado para casa*”. Nessas circunstâncias, as fotos seriam a “prova” do que está escrito.

Chamo atenção ainda que a primeira imagem é a maior de todas do conjunto. Nela, ACM em posição de destaque, está literalmente nos braços do povo, passando mais uma vez a ideia de um grande líder popular, muito amado pelos seus governados. Ali, uma multidão está seguindo da Praça Municipal em direção à Praça Castro Alves ao som de batuques, afoxés e trios elétricos como se fosse um dia de carnaval, dialogando assim com um símbolo da baianidade: Bahia é a terra da festa e da alegria.

Já na segunda fotografia, ACM está no meio da multidão dando uma ideia de igualdade. No entanto, é preciso considerar que diferente da primeira imagem que teve um plano que buscou contextualizar o acontecimento mostrando a paisagem e os sujeitos que participam, esta última deu ênfase aos detalhes e o foco foi ajustado para Antonio Carlos e uma Mãe de Santo que se aproxima e toca nele, o destaque dado a esses dois sujeitos dialoga também com a baianidade através dos elementos ligados a cultura negra como a religião de matriz africana.

#### O NOVO VICE-GOVERNADOR



Está é mais uma imagem que busca caracterizar o novo governo ao colocar o vice-governador também como um burocrata. Quem construiu essa série fotográfica, cujo objetivo foi retratar a despedida de ACM, ao expor imagens dos gestores recém-

empossados tinha a intenção também de comparar o antigo governador com os próximos governantes mostrando-o quase sempre em situação de popularidade.

“BAIANIDADE NAGÔ”<sup>4</sup>



Ao observar a página de um periódico, a atenção é atraída pelas manchetes e pelas imagens devido ao espaço que elas ocupam no ordenamento e na hierarquia da página em relação aos demais elementos. (MONTEIRO, 2014, p, 77). Da mesma forma que a importância de uma imagem pode ser avaliada a partir do espaço e da localização que ela ocupa na página, bem como da sua reiteração.

Nessa perspectiva, a fotografia acima, ao encerrar a fotorreportagem do caderno especial do jornal Diário de Notícias, sendo maior do que muitas outras e ainda ter aparecido duas vezes, ganhou notoriedade e com isso, o que ela quer representar,

---

<sup>4</sup> Título de uma música composta por Evandro Rodrigues em 1991 e gravada em 1992 pela Banda Mel. Tornou-se um *hit* do carnaval de Salvador, sendo até hoje cantada por diversos artistas baianos, sobretudo, na festa momesca. Segundo João José Reis, em resposta ao antropólogo Luiz Mott, na coluna Opinião do Jornal A TARDE, nagô deriva de anagô, pequeno grupo iorubá oriundo da fronteira entre Nigéria e Benim.

adquiriu um grau de importância além das demais. A fotografia destacou mais uma vez um símbolo da *baianidade* ligado a cultura afro: o candomblé e assim relacionou a imagem de ACM a este elemento.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando que o jornal Diário de Notícias tornou-se o porta voz oficial do governo de ACM, o conjunto de imagens aqui trabalhado, fora selecionado, combinado e publicado, por esse jornal, para construir uma narrativa na qual ele é valorizado enquanto político-administrador (o próprio Antonio Carlos fazia distinção) e líder popular, para o povo baiano em geral e para os políticos em particular.

Assim, dado o grande alcance e o forte poder de influência sobre as massas que os jornais têm, seja através de figura, seja por meio de palavras, a imagem de Antonio Carlos foi sendo consolidada no imaginário popular.

As referidas fotografias, não expõem nem avaliam o primeiro governo estadual de ACM, nem mesmo tratam do *carlismo*, mas revelam elementos característicos e estratégicos da política *carlista* já presentes em seu governo de 1971 e 1975 como: gestão tecnocrática e apropriação de elementos culturais que fazem parte da *baianidade*.

### REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DANTAS NETO, Paulo Fábio. *Tradição, autocracia e carisma: a política de Antônio Carlos Magalhães na modernização da Bahia (1954-1974)*. Belo Horizonte: UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2006.

\_\_\_\_\_. *Carlismo: passado, presente, futuro*, 2006. GRAMSCI E O BRASIL. Disponível em: <http://www.acesa.com/gramsci>. [Acessado em: 14 mar. 2015].

DICIONÁRIO HISTÓRICO BIOGRÁFICO BRASILEIRO-DHBB/FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGA. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/arquivo?busca=Roberto+Santos&TipoUD=0&MacroTipoUD=0&nItens=30>. [Acessado em: 15 mar. 2019].

GOMES, João Carlos Teixeira. *Memória das trevas: uma devassa na vida de Antônio Carlos Magalhães*. 4 ed. São Paulo: Geração Editorial, 2001.

**ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019**

KOSSOY, Boris. *Os tempos da fotografia. O efêmero e o perpétuo*. São Paulo/Cotia: Ateliê Editorial, 2007.

MONTEIRO, Charles. História e Fotojornalismo: reflexões sobre o conceito e a pesquisa na área. *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v.8, n.17, p. 64-89. Jan/abr. 2016.

NETO, Joviniano Soares de Carvalho. *A Imprensa na Ditadura Militar*. In: *Revista de História da Bahia – especial ditadura na Bahia (1964-1985)*. Salvador, Secretaria de Cultura e Secretaria de Educação do governo do estado da Bahia, 2014.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Sobre o autoritarismo brasileiro*. São Paulo. Companhia das Letras, 2019.